# Recensões

MANDEL, Gabriele. *Os noventa e nove nomes de Deus no Alcorão*. Petrópolis, Editora Vozes, 1999, 275p. Tradução de Ephraim Ferreira Alves.

O livro apresenta a lista dos "noventa e nove nomes de Deus no Alcorão". Explica-os, um a um, conforme a seqüência em que devem ser recitados pelo fiel. A introdução geral mostra a importância e significado do nome, os atributos de Deus e os enfoques teológicos a seu respeito. A conclusão completa as informações sobre as listas dos nomes. Segue-se ainda uma explicação sobre "o centésimo nome de Deus", dois quadros das "ciências das letras", além dos vários índices que facilitam a localização dos nomes.

O autor, Gabriele Mandel, é grande especialista no assunto. "Autor de muitos estudos, especialista em sufismo e ele mesmo um sufi, recebeu a láurea *honoris causa* em Ciências Islâmicas pela Universidade de Konya, Turquia. Foi diretor do Instituto de Disciplinas Artísticas na Universidade IULM de Milão e diretor da Faculdade de Psicologia da Universidade Européia de Bruxelas e professor no Politécnico de Turim. É co-fundador da Universidade Islâmica de Córdoba. Artista versátil, é considerado o mais destacado ceramista islâmico contemporâneo. Expôs trabalhos seus nas bienais de Veneza e de São Paulo, Brasil, e em museus de vários países" (Da segunda orelha do livro).

"Segundo a teologia muçulmana, os Nomes de Deus – representação vocalizada dos Seus atributos – são quatro mil. Mil desses nomes são conhecidos somente por Deus; mil por Deus e pelos anjos; mil por Deus, pelos anjos e pelos profetas; e mil por Deus, pelos anjos, pelos profetas e pelos crentes. Destes últimos mil, trezentos são mencionados na Torá, trezentos nos Salmos, trezentos nos Evangelhos e cem no Alcorão. Destes cem, noventa e nove são conhecidos pelos fiéis comuns, ao passo que um é escondido, secreto e acessível apenas aos místicos mais iluminados" (p.7, repetido na primeira orelha do livro).

Os nomes de Deus representam as suas qualidades ou atributos, já que sua essência é indefinível. A recitação destes nomes é como um caminho para aproximar-se de Deus, visando a perfeição do ser humano. Neste exercício espiritual a pessoa recita os nomes divinos contando-os num rosário de noventa e nove contas, ou três vezes trinta e três. O rosário é chamado *subha* em árabe e *tashbi* ou *komboloy* em turco. Este pode ter se originado do rosário budista, de cento e oito contas, em uso na Ásia desde o século IV. O rosário muçulmano, por sua vez, pode estar na origem do rosário católico, adotado pelo final do século XII.

O corpo do livro contém a sua proposta central, ou seja, uma explanação sobre os noventa e nove nomes de Deus conhecidos pelo fiel comum. Cada um dos nomes é ex-

presso na língua original, com caracteres árabes. Como parte deste cabeçalho segue-se a tradução do nome e suas referências no Alcorão. Uma explicação mais extensa de cada nome divino é completada por informações diversas sobre teologia e espiritualidade muçulmanas. A explanação de cada atributo divino é finalizada com uma breve explicação sobre o significado deste, aplicado como nome próprio, às pessoas.

A obra serve como livro de estudo do islamismo ou como livro de espiritualidade. Pode ser aproveitado numa leitura contínua como também numa leitura meditativa, passo a passo, degustando cada atributo da transcendência. De uma forma ou de outra, tem-se um bom panorama da teologia e sobretudo da mística do Islã.

O autor explora a mina da tradição islâmica, mas tira água também para outras tradições religiosas, pois debaixo da terra os vários lençóis se fundem. Há diversas referências à Bíblia Hebraica, bem como ao cristianismo e demais tradições religiosas ocidentais.

Além de outros méritos, o livro reforça o ecumenismo. Leva-nos a conhecer vários aspectos da religião islâmica através de alguém que a conhece e pratica. Por isso a publicação pode ser saudada como um apoio a tantas iniciativas, entre nós, para conhecer a rica tradição religiosa revelada ao profeta Maomé.

Merece uma palavra de louvor a apresentação cuidadosa do livro, com tradução fluente, texto claro, grafia quase perfeita. A apresentação visual é arejada, e traz os nomes em árabe, além de belos arabescos no final de cada nome, o que aprofunda o aspecto misterioso da divindade.

*Valmor da Silva*

BRUNNER-TRAUT, Emma. *Os fundadores das grandes religiões*. Petrópolis, Vozes, 1999.

É impossível entender a história da humanidade sem levar em consideração as religiões que apareceram e se desenvolveram ao longo da história, isto é, desde que existem homens e mulheres conscientes e que se interrogam a respeito do sentido da existência. Até hoje, e apesar de racionalismos e cientificismos que, por uma visão unilateral da realidade, querem reduzir tudo a uma só dimensão, e apesar da falta de ética e de as relações humanas estarem subordinadas a interesses de todo tipo, não faltam movimentos e formas religiosas para atender à necessidade fundamental da humanidade, que é a busca do sentido. O que, infelizmente, não significa necessariamente busca da perfeição moral e da fraternidade entre as pessoas. O que não se pode negar é que os comportamentos religiosos expressam anseios e temores humanos, justificam atitudes e ações: são o espelho de uma sociedade e a busca de uma segurança para uma vida que não oferece razões evidentes para si mesma.

No contexto do mundo religioso se inserem pessoas excepcionais que, seja pela força de atração de sua personalidade, seja pela sedução exercida por sua mensagem, podem ser consideradas os maiores líderes da humanidade, muito além do tempo em que viveram. Sua influência perpassa séculos e até milênios chegando até nós, dita o



comportamento de bilhões de pessoas, caracteriza culturas, molda instituições sociais e, em muitas sociedades, é até fonte do direito. No livro *Os fundadores das grandes religiões* são apresentados os perfis de nove homens que, mesmo que não sempre sejam colocados na devida evidência nos manuais de história, foram protagonistas marcantes da caminhada da humanidade.

Pela ordem dos capítulos: Akhenaton, chamado de *o Iluminador*, o faraó do Egito que "hereticamente" tentou implantar um culto a um deus supremo e único, transcendente e, ao mesmo tempo, providente. Moisés é o *nosso Mestre*. O que sabemos a seu respeito é o que a Bíblia fala dele, mas os elementos da religião hebraica, que ele estruturou, mas da qual não é considerado fundador, estão presentes até em nossa sociedade pela Bíblia que o cristianismo herdou dos hebreus. De Zaratustra, o profeta que apareceu na antiga Pérsia, pouco se conhece; mesmo assim a sua tentativa de solucionar o eterno problema do bem e do mal presentes no mundo faz dele uma figura importante na história das religiões, cuja influência alcançou o judaísmo e o cristianismo. Jesus de Nazaré é certamente o "profeta" mensageiro de um ideal que mais profundamente influenciou a nossa cultura. Para um bilhão e meio de pessoas é o "Filho de Deus", "ninguém como ele pregou o amor – diz o Autor –; por isso, ninguém como ele provou do cálice da maldade". Mani, do qual herdamos a palavra maniqueísmo, foi, sem dúvida, o mais consciente de todos os fundadores de religião. A que ele procurou fundar, e por causa da qual foi perseguido, visava a uma unificação de todas as grandes correntes religiosas do seu tempo num sincretismo que superasse todas as demais crenças da sua época (séc. III). Maomé é o fundador do Islamismo, a religião que mais cresce atualmente no mundo e que encontra no Corão, o seu livro sagrado, o código de conduta pessoal e social. Ele é o Profeta de Alá, que apresentou ao seu povo árabe uma religião que se coloca na tradição hebraica, superando-a, e que foi e ainda é fonte de uma impressionante vitalidade para os que a professam. Mil anos antes de Maomé, por volta do séc. V aC, no norte da Índia, apareceu Buda Gautama, que, mesmo sem nenhuma intenção de apresentar uma nova mensagem religiosa, tornou-se o inspirador da terceira maior religião atual. Abriu um caminho para a libertação do sofrimento e da dor: pela abstenção dos desejos e por meio do amor, todos podem se converter em Buda, o "Desperto". A apresentação dos dados históricos de Confúcio e de Lao-Tse e de suas doutrinas, em parte antagônicas mas com grande influência na cultura e até na organização da sociedade chinesa, encerra o livro.

É uma verdade plenamente aceita pelos historiadores das religiões que as mensagens originais dos fundadores não se mantêm puras ao longo do tempo. É impossível que um ideal, o que muitas vezes pode ser considerado uma religião em seus inícios, possa se manter com a mesma integridade e a mesma força durante séculos e milênios. A instituição, ou a igreja, ao mesmo tempo que é instrumento que passa a mensagem de geração para geração, é também domesticadora do fogo inicial, o que não é nada estranho se considerarmos a natureza e, mais ainda, as leis das sociedades humanas. Mas o fato que depois de tanto tempo haja bilhões de pessoas que pautam o seu comportamento por uma mensagem atribuída a um dos personagens apresentados nesse livro,